

Origem do mundo: uma questão de fé e razão!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/UFF



1. O problema: Um dos temas que se discutiu na *Escolástica* foi o de saber se o mundo era eterno ou não. Os autores cristãos medievais sustentaram com clareza que é dogma que o mundo foi criado do nada e concluíram que o mundo não era eterno e não tinha a eternidade que corresponde a Deus.

Origem do Mundo Definida como um artigo de fé, a partir de *Gen* 1,1 e da exegese patrística, a criação é no tempo. Contudo, nem todos os filósofos e teólogos cristãos a consideraram do mesmo modo. Santo Agostinho demonstra que o mundo não era eterno. São Boaventura e outros cristãos seguiram a doutrina de Agostinho, pois com ela podiam também refutar o averroísmo (doutrina inspirada no pensamento do filósofo árabe Averróis) que interpretava Aristóteles haver defendido a eternidade do mundo.

2. A questão em São Boaventura: Entre as proposições condenadas por Estevão Tempier em 1270, encontrava-se a seguinte: *Quod mundus est aeternus et quod nunquam fuit primus homo* [o mundo é eterno e que nunca existiu o primeiro homem]. O Aquinate já nos comentários das *Sentenças* de Pedro Lombardo, sustentara que Deus poderia produzir algo eterno [In II Sent., d.1,q.1,a.5,c.] e com esta afirmação, ao retornar a Paris, ele se encontrava no centro de um grande debate. Antes que o Aquinate retornasse a Paris em 1269, Boaventura tornou-se Ministro Geral de sua Ordem. Durante os anos de 1267 e 1268, denunciara com vigor em suas pregações os erros que emanavam da Faculdade de Artes, sobretudo, a doutrina do averroísmo latino que interpretava equivocadamente a tese aristotélica da eternidade do mundo, como uma perversão da Sagrada Escritura. O foco da polêmica era a doutrina propalada pelo averroísta Siger de Brabant, que possivelmente apoiado na interpretação de Averróis, afirmava que Aristóteles defendera a eternidade do mundo. Motivado possivelmente pela solicitação de alguns irmãos da Ordem, Boaventura promoveu uma intervenção pública sobre o tema, na exposição da tese, à qual seguiam franciscanos como Guilherme de la Mar, com a premissa de que ‘Deus não poderia ter criado algo desde a eternidade’ [Super Sent., II, d.1]. Boaventura promoveu uma outra intervenção pública nas disputas *quodlibetais*, atividade acadêmica característica da Universidade Medieval, ocorrida sempre durante a Quaresma precedente [antes da Páscoa] ou Advento precedente [antes do Natal], mediante a qual se estudava qualquer questão de interesse ou polêmica, neste caso, a da eternidade do mundo. A tese de Boaventura retoma o que já anteriormente defendia em *Super II Sent.*,

1,1,2. Para ele, o mundo foi criado por Deus no tempo e não desde a eternidade. Pois o conceito de mundo criado do nada e existente *ab aeterno* contém tão grosseira contradição, que não se pode conceber que algum filósofo por medíocre que fosse, pudesse ter afirmado semelhante coisa.

3. A questão em Tomás de Aquino: Tomás tratou deste tema diversas vezes e em diferentes épocas e obras. Como dissemos nos comentários aos Livros das *Sentenças*, escrito entre os anos 1252-1254, ele havia considerado o tema da eternidade do mundo, afirmando a hipótese de que não contraria a fé católica a idéia da criação *ab aeterno* [In II Sent. d.1, q.1, a.5, c.]. Em 1262 dedicaria na *Suma Contra os Gentios* um capítulo à questão da eternidade do mundo, onde sustenta que, além de Deus, não há nada eterno [C.Gen., II, c.38]. Em seguida, em 1268, considerou o assunto no *De Potentia*, onde afirmou que não era impossível que, à parte de Deus, pudesse existir algo eterno, se considerada a potência ativa de Deus [De Potentia, q.3, a.14, c.]. Posteriormente, em 1268 trataria do tema na Primeira Parte da *Suma Teológica*, onde afirmou que somente pela fé se sustenta que o mundo não existiu sempre e nem é possível demonstrar este dado pela razão natural. Daí que não se podia demonstrar que o homem, o céu ou a pedra não existiram sempre [Sum. Theo., q. 46, a.2,c]. E, possivelmente, antes do Natal de 1270, tratou brevemente da questão num dos *Quodlibetos*, no qual sustentou, sem se referir às posições anteriores, que o mundo não é eterno segundo a fé católica [Quodlibeto. 12, a.7]. E, finalmente, a sua última contribuição deu-se no *De aeternitate mundi*. Neste breve e polêmico opúsculo, Tomás sintetizou a sua doutrina. O Aquinate sabia muito bem que Aristóteles não rejeitou completamente a hipótese da eternidade do mundo. Por isso, procurou guardar a maior fidelidade possível ao aristotelismo, traçando, ao mesmo tempo, uma distinção bem definida entre o aristotelismo, por ele defendido, e o do averroísmo latino ensinado, sobretudo, na Faculdade de Artes de Paris. Por esse motivo, ele provou inicialmente a inconclusividade dos argumentos em favor da eternidade do mundo; e assim abriu espaço para o dogma e separou-se do averroísmo. Em seguida, passou a demonstrar que os argumentos favoráveis à temporalidade do mundo eram igualmente inconclusivos; e assim, abriu lugar ao aristotelismo, distanciando-se do agnosticismo. Nada contraria a fé que Deus em suas idéias tenha pensado o mundo desde a eternidade e que só o tenha criado com o tempo e com a sua criação iniciado o tempo. Uma vez tratado a questão do início do cosmos, o Aquinate direcionou a sua atenção para a análise do que constitui o universo. Sua atenção se direcionou, portanto, para o estudo dos princípios do ser e do movimento da substância natural que compõe o universo.